

Jesus é o Cristo - Marcos 8.27 – 10.52.

Nos primeiros 3 blocos percebemos uma preocupação do evangelista em nos apresentar “Quem é Jesus” e a cegueira e a incompreensão presente naqueles que estavam ao redor de Jesus. Vimos ainda que Jesus revela e anuncia o evangelho por onde passa, escolhe os doze, é rejeitado entre os seus e ensina de forma didática através das parábolas. Jesus desperta a curiosidade em muitos e a fé em alguns.

De acordo com a nossa proposta de leitura do evangelho de Marcos, chegamos ao 4º bloco de estudos, que compreende os textos de Mc. 8.27 a 10.52, onde pela primeira vez se tematiza que “Jesus é o Cristo”.

Percebemos que embora os discípulos continuem perto de Jesus e recebendo instrução, há muita incompreensão do que significa ser o Cristo. Marcos começa a descrever Jesus como o Cristo, filho do homem a serviço da causa de Deus e não como um ser glorioso e triunfalista. Jesus como o Cristo esvazia-se de todo poder, tornando-se como ser humano e assumindo a posição de servo sofredor. Marcos nos apresenta os conflitos e controvérsias que surgem no discipulado a partir da correta compreensão do que significa Jesus ser o Cristo, o que também vai influenciar o modelo de comunidade a ser vivenciado.

Que Cristo?

Motivados pela pergunta de Jesus: “Quem o povo diz que eu sou?” (8.27), os discípulos apresentam as mais diversas respostas, que refletem os pensamentos correntes da época (Mc 8.28). “Os discípulos responderam: - Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é um dos profetas”. E então surge uma pergunta fundamental: “E vocês? Quem vocês dizem que eu sou? - O senhor é o Messias! Respondeu Pedro.” (Mc 8.29).

Com a confissão de Pedro (Mc 8.29) e o anúncio da Paixão (Mc 8.31), Marcos imprime um novo tom a sua obra e nos dá a chave de leitura que nos permite descobrir o centro do seu pensamento teológico e às respostas que nos desafiam desde a primeira parte do evangelho.

Pedro confessa que Jesus é o Messias, o Cristo. É a primeira vez que isto ocorre no Evangelho de Marcos. Este título está carregado de expectativas populares em vistas de um messias libertador político e sucessor do Rei Davi

depositada no modelo triunfalista, guerreiro, forte, um modelo que seguisse os passos do rei Davi.

Ao afirmar que Jesus é o Messias, Pedro recolhe uma das confissões mais impactantes das primeiras comunidades. Jesus não nega ser o Messias, mas proíbe que o digam a outros, pois a compreensão que Jesus tem de ser o Cristo é diferente das expectativas dos discípulos e do povo. Antes, ser o Cristo significa passar pelo caminho da cruz, da abnegação, um caminho ainda não compreendido pelos que o seguem.

Os anúncios da Paixão

A partir desse momento, o próprio Jesus é quem diz quem ele é. Começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muito e fosse rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas e fosse morto e, depois de três dias, ressuscitasse (8.31). Marcos expõe intencionalmente a diferença entre a expectativa de um Messias político e glorioso e do que Jesus assume como modelo messiânico anunciando o caminho da Paixão. Um anúncio tão importante e central para o Evangelho, que ele se repete em três momentos (8.31; 9.31; 10.32-34).

O curioso é que cada anúncio está seguido de um fato que mostra até que ponto os discípulos e a comunidade de Jesus são incapazes de compreender e aceitar o que Jesus acaba de revelar. Pedro não aceita o Cristo que sofre, e repreende Jesus (Mc 8.32). A ideia de Pedro está presente num canto comunitário atual, que diz: *“Eles queriam um grande rei, que fosse forte e dominador e por isso não creram nele e mataram o salvador.”*

Após o primeiro anúncio de sua morte e ressurreição, Jesus fala sobre as consequências do seguimento a Ele. Seguir a Jesus implica em esquecer seus próprios interesses, carregar sua própria cruz, estar disposto a sofrer pela causa de Jesus e ter a consciência de que a cruz é consequência desse seguimento e discipulado marcado por situações de adversidade, oposição e perigos (Mc 8.34-38).

Depois do segundo anúncio da Paixão (Mc 9.31) segue-se uma discussão entre os discípulos de Jesus, envolvendo uma questão de poder: “qual deles era o mais importante” (Mc 9.34). Jesus aproveita essa discussão para tematizar a questão do poder no discipulado e Marcos estende essa questão à vida comunitária. A vida de Jesus não se baseia na riqueza e no poder, mas na prática de acolher os pequenos, os humildes. Ao colocar a criança no centro (Mc 9.36), ele a acolhe unicamente por amor e compaixão. Modelo a ser seguido pelos discípulos e pela comunidade (Mc 9.37) que devem servir a todos.

Em lugar do exercício do poder, Jesus propõe o serviço: “Se alguém quer ser o primeiro, deve ficar em último lugar e servir a todos” (Mc 9.35). Para deixar isso

claro o Evangelho de Marcos sugere algumas práticas pessoais e comunitárias:

- * No relacionamento com os que não são da comunidade, o máximo de abertura: “Quem não é contra nós é a nosso favor” (Mc 9.38-40).
- * No relacionamento com os pequenos e excluídos, o máximo de acolhimento: Acolher os pequenos por serem de Cristo, e não ser motivo de escândalo para eles. (Mc 9.41-50).
- * No relacionamento homem-mulher, o máximo de igualdade: Jesus tira o privilégio que o homem tinha em relação à mulher e proíbe mandar a mulher embora (Mc 10,1-12).
- * No relacionamento com as crianças e suas mães, o máximo de ternura: acolher, abraçar, abençoar, sem medo de contrair alguma impureza (Mc 10.13-16).
- * No relacionamento com os bens materiais, o máximo de generosidade: “Uma só coisa te falta: vai vende tudo que tens e dá aos pobres” (Mc 10.17-27).
- * No relacionamento entre os discípulos, o máximo de partilha: quem deixar irmão, irmã, mãe, pai, filhos, filhas, terra por causa de Jesus e do evangelho terá cem vezes mais (Mc 10.28-31).

A reação de incompreensão dos discípulos segue após o terceiro anúncio da Paixão (Mc 10.33-34). O anúncio é seguido de uma situação que desperta novamente o desejo pelo poder (Mc 10.37). Tiago e João pedem um lugar a direita e esquerda de Jesus quando ele for sentar no trono do seu Reino glorioso, ou seja, quando for Rei. O pedido de Tiago e João desperta a ira dos outros discípulos, não porque julgassem que ambos tivessem feito algo errado, mas porque os outros também desejavam esses lugares de poder. Novamente há uma orientação de Jesus tematizando a diferença entre poder e serviço (Mc 10.42-45).

Martim Lutero em seu livrinho “Da liberdade cristã” consegue interpretar de modo magnífico a questão em jogo: *“Eis que Cristo deu a mim [...] todas as riquezas da justiça e da salvação, de sorte que, além disso, não necessito de mais nada. Assim me porei à disposição de meu próximo como um Cristo, do mesmo modo como Cristo se ofereceu a mim, nada me proponho a fazer nesta vida, a não ser, o que vejo ser necessário, vantajoso e salutar a meu próximo. Servir é um dom de Deus e sinal de fé.”*

Jesus inverte os valores do mundo, desafia a trocar a sede pelo poder e pela dominação, pelo serviço em humildade e amor. Uma lógica que só pode ser compreendida a partir da fé no filho de Deus.

Marcos nos mostra uma visão de Jesus que é totalmente contrária à visão triunfalista, como a esperada na época de Jesus. Esse pode ter sido o motivo pelo qual Jesus proíbe Pedro e os discípulos de contarem aos outros que Ele era o Messias.

Para compreender quem é Jesus é preciso estar disposto a segui-lo no caminho da cruz, um caminho nada glorioso aos olhos do mundo. A falta de compreensão dos discípulos, depois de cada anúncio da paixão, quer deixar bem claro que, os discípulos não entendem a disposição de Jesus de morrer na cruz por fidelidade ao projeto de Deus, comprometido até as últimas consequências, com o bem, com a vida.

A cura da cegueira

A cura do cego de Jericó (Mc 10.46-52) não acontece por acaso. Depois de tematizar quem é o Cristo, Marcos se dá conta que essa realidade é dura demais para o ser humano e que, se Deus não nos abrir os olhos da fé curando as pessoas das expectativas e interpretações errôneas, elas não serão capazes de compreender a revelação de Cristo no caminho da cruz.

Jesus é o Messias, não o glorioso, mas sim o que vai a cruz por amor. Com o episódio da cura do cego Bartimeu, Marcos procura esclarecer que, assim como o cego recupera a visão, assim também a comunidade deve abrir os olhos e lançar fora o manto do “Filho do Davi”, esperando que o Messias seja um rei poderoso. Os versículos finais destacam justamente este fato ao dizer que o cego Bartimeu “lançando de si a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus” (Mc 10.50), gesto que significa abandonar a visão messiânica de rei e seguir Jesus no caminho da cruz. Assim Marcos prepara seus leitores para realmente compreender quem é aquele que entra em Jerusalém de forma tão humilde, montado num jumentinho.

Para refletir em grupo

1. Quais as implicações do discipulado hoje?
2. Onde se revela o poder de Deus?
3. Que modelo de comunidade Jesus propõe?
4. E se Jesus perguntasse hoje: E vocês? Quem vocês dizem que eu sou?
5. Que tipos de cegueiras impedem atualmente as pessoas de verem e de compreenderem quem Jesus realmente é?

Elaborado por: P^a. Ms. Ligiane Taiza Müller Fernandes